

*Comitivas Pantaneiras*¹

Débora Alves Pereira CABRITA²

Maria Luiza CÁCERES³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, MS

Resumo

Este trabalho pretende apresentar a importância das comitivas pantaneiras, responsáveis pelo transporte de centenas de cabeças de gado bovino de uma região a outra, a partir da experiência de uma peoa, de 30 anos, que decidiu seguir a profissão do pai aos 14 anos. A oralidade é a principal fonte de registro, já que os peões são parcialmente alfabetizados e raramente registram suas impressões, experiências e história, o que impossibilita que condutores e peões produzam a memória escrita endógena ao grupo. O contraste entre cheia e estiagem é vivido intensamente pelos peões. Ao mesmo tempo em que o Pantanal é conhecido como o bioma das águas, ele registra longos períodos de seca, que deixam marcas profundas na pele, no desenvolvimento do trabalho e na memória dos peões pantaneiros.

Palavras-chave: comitiva pantaneira; peões; saberes tradicionais; meio ambiente; sociedade.

Introdução

Com base nos saberes populares de parte da população que vive e trabalha no Pantanal de Mato Grosso do Sul, este artigo pretende apresentar a atividade desenvolvida pelos peões pantaneiros responsáveis pelo transporte de bovinos de uma região rural à outra. A partir da pesquisa qualitativa, com o emprego das técnicas observação participante e análise argumentativa foi possível registrar o cotidiano da comitiva pantaneira e a interação com o ambiente. Essa metodologia foi escolhida por permitir chegar ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo. Entre as vantagens da observação participante estão o rápido acesso aos dados e situações habituais e rotineiras com as quais os peões de comitiva estão acostumados, a possibilidade de entrevistar todos os membros, além de acompanhar pessoalmente o comportamento do objeto de estudo,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Comunicação da UFMS, email: deboracabrita@hotmail.com

³ Mestranda do Curso de Comunicação da UFMS, email: malucaceres@hotmail.com

também permitindo o esclarecimento imediato de termos, expressões e tarefas realizadas no dia-a-dia.

Esta pesquisa é parte do estudo exploratório, de entrevistas com peões pantaneiros e do acompanhamento durante doze dias da rotina de uma comitiva, desde o encontro dos peões, do recolhimento do gado, a charqueada, a viagem com o gado, a entrega e o retorno, além da convivência com outras comitivas em diferentes épocas. As viagens aconteceram nos períodos de novembro de 2007, junho de 2014, julho e agosto de 2015, no Pantanal de Mato Grosso do Sul, passando pelos municípios de Aquidauana, Corumbá, Bonito e Bodoquena. É importante salientar que as cidades de Bonito e Bodoquena não estão localizadas no Pantanal, mas a comitiva onde estava a peoa Mirele Geller, que será retratada neste artigo, passou por estes municípios a caminho do Pantanal do Nabileque⁴. Ao longo deste artigo traremos trechos destas entrevistas.

Trabalho das comitivas pantaneiras resiste ao tempo

Com base na revisão bibliográfica e com as pesquisas realizadas no Pantanal de Mato Grosso do Sul é possível descrever a rotina das comitivas pantaneiras, atividade rústica e extremamente necessária para os produtores rurais, sobretudo no Pantanal. Por questões econômicas e de logística para muitos fazendeiros o uso da comitiva é a única alternativa no manejo, mesmo que as rodovias pavimentadas estejam repletas de caminhões boiadeiros, no Pantanal as estradas não contemplam toda a região e por isso os veículos não conseguem atravessar os obstáculos naturais. Os regimes de cheia e seca, próprios da planície pantaneira, tornam o trabalho imprescindível para não haver prejuízos com a perda do rebanho. “O homem pantaneiro aprendeu ao longo dos séculos, a fazer suas próprias previsões, alicerçadas na interpretação dos fenômenos naturais”, (NOGUEIRA, 2002, p. 31). Embora essa seja uma atividade estritamente desenvolvida pelos homens, Mirele Geller, de 30 anos, desde os quatorze anos exerce a função de peoa de comitiva.

Os primeiros animais bovinos introduzidos no Brasil durante a colonização portuguesa foram usados como fonte de alimentação e animais de tração nas áreas rurais durante quase três séculos. A intensificação da pecuária na região de Mato Grosso do Sul representou ampliação da presença do trabalhador remunerado nas fazendas. O crescimento do rebanho necessita até hoje de manejo, enquanto que a venda do gado quase sempre

⁴ Nabileque é uma das sub-regiões do Pantanal em MS. Dividido em Pantanal do Paiaguás, Nhocolândia, Abobral, Aquidauana, Miranda, Nabileque e Porto Murtinho.

requer o trabalho das comitivas para fazer o transporte dos animais para diversas regiões do país. Para cumprir as marchas, os peões suportam todas as variações climáticas enfrentando chuva, frio, vento, poeira, além dos obstáculos naturais como corixos⁵, baías, rios, campos abertos, campos sujos e as barreiras introduzidas pelo homem como estradas asfaltadas e porteiras.

O manuseio de rebanhos sempre foi tarefa árdua. O boi se move com razoável agilidade, vira-se em sentido contrário ao homem, adquire hábitos que exigem do peão aptidão e inteligência para a lida. Destreza e paciência são condições necessárias ao condutor. Antes de seguir para a estrada com o gado, as atividades na fazenda podem ter início percorrendo toda a fazenda em busca dos animais (vasculhar⁶), em seguida o manejo do rebanho no mangueiro (conferência da marca, separação, contagem, vacinação, etc.), para então iniciar o processo de condução do gado para fora da propriedade, por meio das comitivas que transportam em média 1.200 cabeças por viagem.

O pesquisador Banducci Jr. (2007, p. 61) explica que entre as diferentes funções exercidas nas propriedades rurais a de peão de campo, que trabalha a cavalo, é o que confere maior prestígio, pois esta é considerada uma tarefa perigosa e arriscada. E “situado no topo da hierarquia dos trabalhadores das fazendas de gado está o capataz. É ele quem controla todas as atividades desenvolvidas na propriedade.” (BANDUCCI JR, 2007, p. 63). Homem de confiança do patrão tem melhores condições de vida do que os peões comuns.

A lida do peão boiadeiro não se resume apenas à condução do gado. Antes de seguir viagem, os peões têm a função de amansar a montaria, (fazer a doma). Alguns equinos se negam a reproduzir o comportamento esperado pelo peão, mordem, coiceiam, jogam o peão contra as cercas, pulam para se livrar do cavaleiro e da sela; muitos, de tão ariscos, não permitem que lhes seja colocado o freio (CAMPOS FILHO, 2002, p. 123). Para a execução do serviço da comitiva é fundamental a interação entre peão e montaria.

A pecuária é essencial na organização da vida humana na região pantaneira. Mesmo pequena, a população pantaneira é importante como parte do próprio ecossistema, uma vez que ela se tornou responsável pela manutenção do equilíbrio ecológico.

Não se pode deixar, pois, de reconhecer no pantaneiro, um incansável construtor de sua própria cultura, um conhecedor dos mais diversos ofícios rurais, que se vê obrigado a exercer, por força das circunstâncias do ecossistema. Dentro desta perspectiva, é lícito dizer que um peão pantaneiro

⁵ Pequeno curso d'água, intermitente, ligando as baías (CORRÊA, 2001, p. 29).

⁶ Ato de procurar o gado que se encontra espalhado pelos matos, nas caatingas e nos campos, e reuni-los e conduzi-los aos currais da fazenda para apartação, ferra, capação, etc.

que conheça toda a lida campestre e desempenhe com certa perfeição as atividades de aparte, doma, bagualeio, condução de boiada, é tão *expert* no seu *metier* quanto um especialista em informática, no exercício de suas funções. (NOGUEIRA, 2002, p. 21).

Formação da Comitiva Pantaneira

Tradicionalmente a comitiva é formada por sete peões montados em muares (burros e mulas), cada peão tem uma função previamente estabelecida. Quando são contratados, tomam conhecimento do trabalho que vão exercer dentro do grupo. O responsável pelas contratações temporárias é o proprietário da comitiva. Além de ser o dono da tropa – dos animais da montaria –, ele é quem faz a negociação com os produtores rurais que contratam o serviço das comitivas.

À frente do gado vai o ponteiro (conhecido também como berranteiro), segundo homem mais importante dentro da comitiva, porém com a terceira melhor remuneração. O ponteiro é o responsável por comandar o gado e indicar o caminho entre as fazendas. Para se comunicar com os colegas de trabalho e para controlar o gado, o ponteiro utiliza o berrante⁷ também chamado de buzina.

Para determinar o compasso da viagem, o ponteiro segue as orientações do chefe da comitiva (condutor). A velocidade dos passos depende de uma série de fatores, tais como: pasto bom, proximidade com locais de abundante água para saciar o gado ou distância do ponto de pouso, em relação ao sol. Além de definir a direção, o ponteiro tem que controlar a velocidade do gado. O pior erro de um ponteiro é deixar o gado mudar de direção por conta própria, correr e dispersar.

A comitiva precisa chegar ao pouso e recolher os animais antes do pôr do sol, uma vez que, no Pantanal, os peões só podem contar com a luz natural. Assim que o sol se põe, não é possível a locomoção sem a ajuda de lanternas. Ao anoitecer, se o gado não estiver no mangueiro, ou na cimbra⁸, o risco de perder uma rês é muito grande.

Para ajudar o ponteiro a controlar o gado, em cada ponta (direita e esquerda) segue um fiador. Eles têm a missão de fazer a boiada obedecer e acompanhar o ponteiro. Para não perder o controle da boiada, os fiadores trabalham munidos de reios (relhos) - chicotes feitos de couro e corrente que, quando arremessados ao chão, emitem estalos semelhantes

⁷ Instrumento feito de chifre de boi com que os boiadeiros tangem o gado, assoprando pelo bocal.

⁸ “Portão feito de arame amarrado em pequenos troncos.” (CORRÊA, 2001, p. 28). Piquete improvisado para o pouso do gado.

ao de um estouro de uma bombinha. O barulho assusta os animais dispersos, o som faz com que eles, instintivamente, voltem a acompanhar os demais.

À frente é realizado o trabalho mais pesado e cansativo dentro da comitiva. A tendência dos animais é sair da linha e abrir para as laterais, formando uma espécie de leque. Nas situações em que há o risco de fuga dos animais – por exemplo, uma cerca arrombada (quebrada) –, o ponteiro conclama o fiador, indicando a posição, por meio de um toque fino do berrante; isso sinaliza para qual fiador é a tarefa.

O fiador fica posicionado no local, onde existe perigo aos animais, até a passagem da metade da boiada; assim que os animais atravessam, o ponteiro emite dois toques finos com o berrante, e o fiador retoma a posição de trabalho, assumindo, então, a tarefa o meeiro correspondente ao lado. Em muitos casos não é necessário avisar o meeiro pelo berrante, pois, assim que ele avista o fiador, imediatamente assume o local para não deixar o gado fugir. Quando a boiada passa por pastos onde há gado pertencente à outra fazenda, o fiador toma a frente, antecipa-se e vai até os animais para afastar e desviar o rebanho do caminho da comitiva, evitando, dessa maneira, que os animais se misturem.

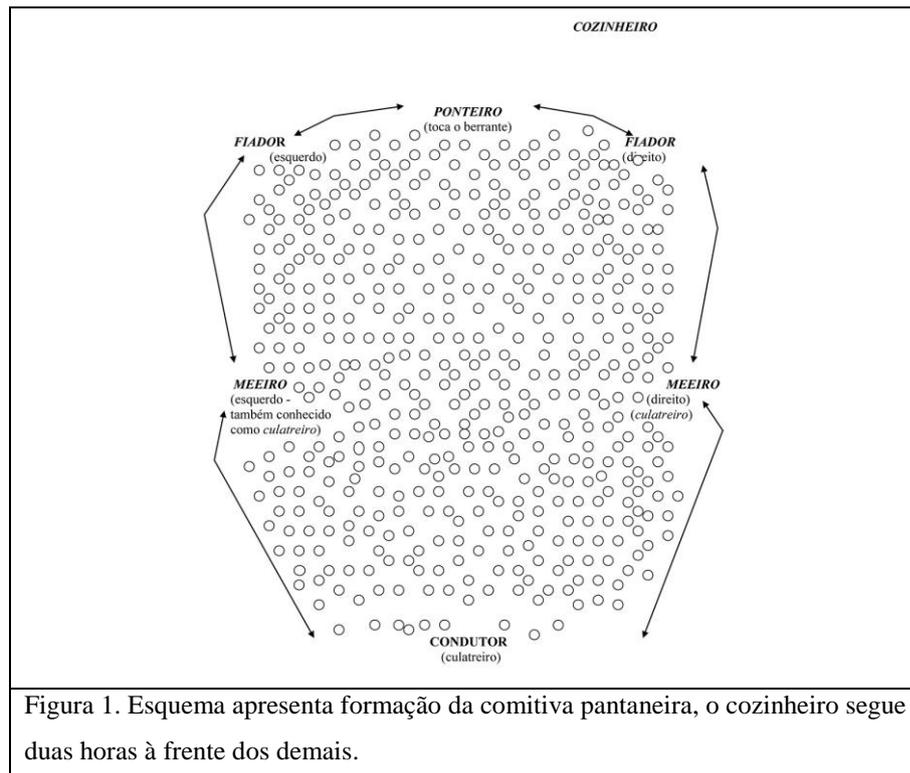
Os meeiros (direito e esquerdo) são responsáveis pelo gado do meio até o final da boiada. Eles precisam ter um cuidado redobrado para não deixar os animais fugirem ou mesmo para não esquecer nenhuma cabeça de gado para trás. Em algumas comitivas, os meeiros são chamados também de culatreiros, porque ficam na culatra – no fim do funil.

E no final, propriamente na culatra, segue o condutor, chefe da comitiva, também o responsável pelo gado, pelos peões e por conduzir o dia a dia da comitiva. O salário do condutor é o maior, porém ele assume sozinho e integralmente as despesas financeiras, caso um animal seja extraviado e não recuperado.

O cozinheiro, essencial nesse processo, segue alguns quilômetros à frente da comitiva. Solitário, acompanhado apenas pelas mulas de carga, é o responsável por montar o rancho (cozinha adaptada no ponto de parada), transportar as bagagens e os mantimentos e, por fim, preparar a comida. A parada para o almoço ou para o pouso é sempre feita próxima a cursos d'água, seja rio, córrego, baía e, no caso de estiagem, perto dos açudes. O cozinheiro é o primeiro a acordar e o último a dormir. Durante o dia o cozinheiro segue cerca de duas horas à frente da comitiva. A figura (1) apresenta o esquema da comitiva, os círculos representam os animais transportados.

Outra função é a de tropeiro, exercida por todos os peões em uma forma de rodízio, com exceção do condutor. Diariamente um peão é escalado como tropeiro para buscar a

tropa que está solta pastando. A tropa é constituída pelos animais usados no serviço de montaria e de carga, no caso das comitivas são usados essencialmente mulas e burros. Se um deles fugir, o tropeiro precisa encontrar o animal para apresentá-lo ao resto dos companheiros. Há muitas décadas, quando a quantidade de gado transportado era maior, chegando a 1.800 cabeças, as comitivas contavam com a presença de mais dois peões, os chaveiros, que ficavam nas extremidades finais da comitiva, ao lado do condutor.



As árvores indicam o caminho

Na visão dos peões, por dentro das fazendas, a paisagem varia entre campo limpo (pastagem sem vegetação arbustiva) e campo sujo (com arbustos). Nos longos pastos das fazendas, onde não há pontos de referência para marcar o caminho, um leigo viajante, desconhecedor do lugar, facilmente ficaria perdido no meio do Pantanal, sem saber qual sentido tomar. Para os boiadeiros, acostumados com o trabalho, as trilhas abertas e marcadas pelo gado funcionam como vias de acesso, assim como as estradas para os motoristas. Em muitos momentos, as trilhas se misturam a outras, apontando para outras direções.

O caminho é tão familiar para os peões boiadeiros que as árvores são usadas como sinalização, comparadas às placas de trânsito. A diferença está nas constantes mudanças que ocorrem no Pantanal. As alterações acontecem seguindo o ciclo das águas, proporcionando momentos de enchente, cheia, vazante⁹ e estiagem¹⁰, ao longo do ano. Sem contar a intervenção dos fazendeiros, que a qualquer momento podem derrubar a vegetação, acabando, assim, com os poucos pontos de referência.

Normalmente uma marcha – dia de viagem – tem de 15 a 20 km, dependendo dos pontos de pouso disponíveis no caminho. Uma marcha significa um dia inteiro de trabalho, com pausa apenas para o almoço. Conforme a disponibilidade de água pelo caminho, o condutor, (chefe da comitiva) decide quantos quilômetros serão percorridos no período da manhã e quantos à tarde. Quando é necessário fazer uma marcha sem paradas, o condutor costuma escolher o período da manhã para estender a viagem. Essa decisão é tomada com base na experiência.

Cheia X Estiagem

O Pantanal é uma planície de inundação periódica e registra ao longo do ano períodos de chuva (nas cabeceiras dos rios na região do Planalto que formam a bacia pantaneira), cheia, vazante e estiagem. De acordo com Cleber Alho e Humberto Gonçalves (2005, p. 40-41), se o Pantanal dependesse só da chuva local que cai sobre ele, seria uma região árida, porque está situado em uma zona de clima seco. No período de seca do Pantanal, que vai de julho a novembro, água é artigo de luxo; tanto para o gado quanto para a alimentação humana.

Em 1900 foi instalado um equipamento de medição no Pantanal de Mato Grosso do Sul para medir o nível do Rio Paraguai e, assim, monitorar o fluxo de cheia e seca no Pantanal. O instrumento é uma régua que ficou conhecida como Régua de Ladário (localizada no 6º Distrito Naval da Marinha Brasileira no município de Ladário/MS). Desde sua implantação, o período de 1964 a 1973 foi o que registrou a pior estiagem (GALDINO, 2006). De acordo como pesquisador Sérgio Galdino, da Embrapa Pantanal, (2006), em 1974 os produtores do Pantanal sul amargaram duras perdas.

⁹Escoamento, saída, vazão.

¹⁰Diminuição máxima das águas em rios, fontes, baías, etc.

[...] a cheia que mais prejuízo causou para a pecuária bovina do Pantanal, foi a de 1974, quando milhares de cabeças de gado morreram. Apesar do pico (nível máximo) dessa cheia ter sido inferior a 6,0 m (5,46 m), o fato dela ter ocorrido após o mais longo período de seca do Pantanal, pegou os pecuaristas de surpresa. Durante o período de 1964 a 1973, que antecedeu a essa cheia, o nível máximo registrado na régua de Ladário, havia sido de apenas 2,74 metros. (GALDINO¹¹, 2006, não paginado).

Os animais morreram porque não houve tempo suficiente para retirar o gado da parte baixa e levá-lo para as áreas mais altas, serviço realizado pelas comitivas pantaneiras. Por outro lado, os peões pantaneiros alegam que os produtores não acreditaram que a cheia pudesse atingir toda a área de pastagem. O peão pantaneiro Joel Rodrigues, em entrevista realizada no dia 03 de junho de 2014 na fazenda Rebojo; garante que presenciou a perda de rebanhos inteiros de fazendeiros tradicionais em 1974. Joel Rodrigues afirma que na época os produtores duvidaram da força da natureza, e quando a água inundou a planície não houve mais tempo para a retirada dos animais.

Durante o período de cheia no Pantanal, os peões viajam o dia inteiro dentro d'água, sujeitos a adquirir todo tipo de doença, como gripes, resfriados, micoses e até pneumonia. Para os vaqueiros, conduzir a boiada no período da cheia é mais cansativo. O ponteiro Roberto Valiefo, entrevistado em novembro de 2007 durante viagem na condução de 1.200 cabeças de gado, esclareceu que na cheia a marcha não rende, os dias ficam mais longos, os passos mais curtos, e os animais ficam mais cansados, assim como os peões.

Em casos extremos, quando a planície já está alagada, mas os produtores não remanejaram o rebanho, os animais ficam dentro d'água, por falta de locais secos. Todavia, essa situação é prejudicial, pois, se os animais ficarem mais de quinze dias dentro d'água, eles morrem de cansaço, não de fome. De acordo com o fazendeiro Carlos Oliva, proprietário da fazenda Rebojo, na região do Pantanal do Nabileque, o gado continua pastando nas áreas alagadas, entretanto, ele não deita no molhado para descansar. Sendo assim, morre de exaustão. As redes dos homens são armadas nas partes altas das árvores, para que não toquem na água. Para evitar a frieira¹², os boiadeiros passam óleo queimado ou vaselina nos pés antes de calçar os sapatos.

Em contrapartida, quanto mais seco o Pantanal, maiores são as dificuldades para encontrar água, potável ou não. A água barrenta dos açudes é fervida antes de preparar o alimento, porém essa mesma água é usada *in natura* para beber, quando não se encontra

¹¹ Pesquisa disponível em: <http://www.cpap.embrapa.br/destaques/cheia3.htm>. Acesso em: 13 jul. 2016.

¹² Inflamação causada pelo frio, acompanhada de prurido (coceira) e inchaço; friagem; localizada nos pés, principalmente nos entrededos.

fonte mais límpida. Na comitiva, o tereré, bebida típica da região pantaneira, herdada dos paraguaios, é preparado com erva mate e a água natural encontrada pelo caminho. A erva serve como filtro para separar grandes impurezas (como insetos) e para proporcionar um sabor diferente à água suja. Nos dias de chuva, a água que se acumula em cima da lona é usada para preparar as refeições e para encher os cantis. Esta costuma ser a água mais limpa e pura, em dias de seca.

Durante a estiagem, ao longe, pode-se avistar uma boiada. Nas áreas descampadas, junto ao gado uma nuvem de poeira acompanha cada passo dos animais, e a seca castiga os profissionais. A expressão “comer poeira” faz todo o sentido quando se acompanha uma boiada de mil e duzentos animais na culatra da comitiva. O gosto da poeira fica entranhado no paladar, e a areia cinza e extremamente fina se acumula nos cabelos, no rosto e entre os dentes. Semelhante ao deserto, pois os passos largos da boiada levantam tempestades de areia, que aos poucos incomodam até os mais experientes.

Peões de fazenda no Pantanal e os peões comitiveiros são unânimes em dizer que a lida na região pantaneira é bem mais difícil do que em outros locais. O condutor de comitiva Luis Carlos Wamzenböck, entrevistado em novembro de 2007, explica que peão do planalto não suporta nem a metade do serviço realizado nas comitivas. O peão, com quase 40 anos de profissão, afirma que só permanece neste trabalho quem é nascido e criado na lida. Esta observação também se aplica aos animais. Os muares (burros e mulas) são espécies resistentes ao trabalho; os demais se machucam com facilidade. Os cavalos domados costumam ser bons, obedientes, mais rápidos, mas também são mais frágeis.

Estudo de caso - Mirele Geller, profissão Peoa

A peoa Mirele Geller, 30 anos, é considerada a única mulher na região de Mato Grosso do Sul que assumiu a profissão de peoa boiadeira ou comitiveira. Ela começou a viajar com o pai aos quatro anos de idade, não por escolha, mas por necessidade. A viagem mais longa desta jovem guerreira durou 131 dias, do extremo norte do Pantanal sul-matogrossense ao município de Amambai no sul de Mato Grosso do Sul. Depois desta viagem a saúde de Mirele não foi mais a mesma. Foi submetida a uma cirurgia às pressas e precisou retirar um dos rins.

Apaixonada pelo pai Nelson Geller, Mirele não queria sair de perto dele nem por um minuto, o que ajudava a suprir a ausência da mãe que abandonou a família quando ela tinha pouco menos de três anos de idade, sem ter com quem deixar a menina, aos quatro anos

passou a viajar com a comitiva e ficava sob os cuidados do cozinheiro. Entre 7 e 8 anos, as viagens deixaram de ser apenas para acompanhar o pai, Mirele passou a trabalhar na comitiva do próprio pai, abrindo porteira, cuidando mata-burro¹³ e ajudando o cozinheiro. Só não encilhava o animal por que era muito pequena e não o alcançava.

No período letivo se dedicava aos estudos para fechar as notas no terceiro bimestre e seguir viagem com o pai no restante do ano. “Eu conversava com as professoras, já tinha um acordo e a escola me liberava”. E assim foi até completar 14 anos. Durante o ano inteiro o pai ficava na estrada conduzindo boiada e Mirele ficava sozinha na fazenda. Era responsável pela roupa, pela manutenção da casa, de parte da fazenda, da comida e dos próprios estudos.

Mirele conta que o cuidado com os estudos era a principal exigência do pai. “Ele costumava dizer assim: Se largar os estudos ou me aparecer barriguda te ponho pra fora de casa”. Uma das coisas que ele temia aconteceu, Mirele brigou com o professor de matemática, abandonou a escola e foi trabalhar em Bela Vista, município que faz fronteira com o Paraguai. Ficou 60 dias sem falar com o pai, viajando com a comitiva e seu Nelson sequer tinha ideia de onde estava a filha.

Nesta época prestou serviço para o seu Godofredo conhecido como “Chiquitinho”, no transporte de gado na região de Bonito até a cidade de Antônio João. “Depois fiquei pelo trecho de Jardim, Boquerão em várias changuinhas, (changuinha é o termo para viagens pequenas menores de 30 dias)”. Mirele lembra que esta foi a época que mais sofreu com os animais de pouca doma. “Fiquei redonda de tanto tombo, a cozinha era de carroça, não usava burro de carga para acostumar com a lida. E os meninos do seu Godofredo mal enfrenavam (colocavam freio) nos animais e já passavam para trabalharmos”, explica.

Em maio de 2003 foi contratada pela empresa Expresso Araçatuba como peoa de comitiva, contrato verbal por que nesta função Mirele não teve carteira assinada, mas sabia que era preciso pagar o INSS por conta própria para ter uma segurança futura. “Sempre fui muito curiosa, e alguém me disse a esse respeito, me explicou e eu fiz. Além disso, meu pai costumava dizer assim: minha filha tudo que te ensinarem só Deus tira de você”, explicou.

A comitiva de Milton Charuto (da Expresso Araçatuba) era conduzida por Jorge “Guela”. Nesta, como em qualquer comitiva, os peões de estrada são mais conhecidos pelos apelidos do que pelo nome, por isso quando alguém chama o companheiro pelo nome chega a soar estranho. Mirele explica que muitos peões com quem trabalhou pensavam que este

¹³ Estrado de madeira usado para cobrir os fossos (buracos, valetas), e evitar a passagem dos animais. Geralmente o mata-burro é colocado para substituir a porteira.

fosse o apelido e como ela não ligava nenhum pegou, com exceção do “Maria Mijona”, que marcou a infância. Mirele conta que tinha receio do pai não querer mais levá-la nas viagens, por isso procurava não dar trabalho. “Eu tinha tanto medo de incomodar que já descia da mula apertada, mijando nas calças”, lembra com alegria. Os outros apelidos eram carinhosos “Cigana”, “Buga”, “Baixinha” e “Cabeluda”.

A peoa começou a beber pinga aos oito anos. No início para experimentar só molhava a língua, mas como gostava de estar no meio dos peões, foi pegando o gosto até adotar o hábito de beber. “Igual cobra de laboratório, só no álcool, fui conhecer cerveja faz pouco tempo”. Mirele não esconde que a bebida é comum nas comitivas e deixa claro que os condutores não permitem que seja levada na bagagem, muito menos consumida durante o trabalho. Mas para eles que ficam tanto tempo longe de casa, é um aperitivo nos dias de trabalho pesado.

Durante as longas viagens a peoa carregava no cantil a própria pinga, como não era de ficar embriagada, costumava dar pequenos goles ao longo do dia, nada que atrapalhasse o serviço, garante. Os companheiros sabendo que ela carregava a bebida costumavam pedir, mas só era partilhada com os companheiros que ela sabia que não davam problema e não ficavam embriagados durante o trabalho. “Cansei de negar pinga para peão cachaceiro, que não sabe se controlar, bebe tudo de uma vez depois fica dando nojo”.

Para se defender dos peões, Mirele se passava por homem. Nos pousos próximos às “zonas” (prostíbulos) pelo caminho, costumava pagar a companhia de uma prostituta. “Passava a noite conversando, pagava bebida e pelo programa mesmo sem ter acontecido nada. Eu às tratava com tanto respeito que quando a comitiva cruzava pelo mesmo caminho tinha disputa entre as meninas para quem ia fazer companhia pra mim. E os peões nem desconfiavam. Pra eles eu era “sapatão”, por isso passavam longe, nem se arriscavam mexer comigo”. Mirele conta sua experiência sem preconceitos e sem medo. E como o campo é considerado a casa dela, nunca namorou peão comiteiro, embora já tivesse tido namorados que trabalhavam em fazenda, mas não peão boiadeiro. “Era como se fossem irmãos para mim”, explica.

No meio do mato, Mirele presenciou quase tudo. Já passou por corpo desovado e completamente queimado na fronteira com o Paraguai. Já viu homem assassinado em cima da mesa enquanto que a família esperava pela polícia para fazer o enterro do rapaz. “Essa cena foi forte. Em 2005 chegamos numa fazenda em Corumbá para embarcar o gado no Porto da Manga, fui buscar água para o cozinheiro e pedir para a dona da casa o banheiro

emprestado para o banho, quando vi um moleque deitado numa rede gemendo de dor e o corpo de outro jovem em cima da mesa coberto por uma rede. O que estava morto era filho do capataz da fazenda e o outro parecia ser amigo ou parente da família. Chamaram um avião (que devia ser do patrão) para socorrer o esfaqueado, e quando a polícia chegou ao local o corpo foi liberado para o enterro”. Mirele lembra o fato com riquezas de detalhes, ela que só soube como aconteceu o crime depois do enterro. A mãe da vítima contou que os dois rapazes estavam com umas “brincadeiras bestas” até acontecer a tragédia. “Fiquei admirada com o pai do falecido, ele não fez nada com o rapaz que matou, deveria ser alguém de muita consideração”, conclui.

Em 2006 o serviço na Expresso Araçatuba estava calmo, então Mirele decidiu aceitar um serviço que em princípio seria de no máximo 80 dias. Mas não foi o que aconteceu. O ponto de encontro dos peões para dar início à longa viagem foi no município de Aquidauana/MS, no dia 10 de agosto de 2006. Da cidade ela e os demais peões seguiram de caminhão até o Retirinho, o ponto final do aterro, última fazenda com acesso para caminhões. De lá os peões seguiram “escoteiro” (sem gado) por dentro do Pantanal por 24 dias. Atravessaram o Porto Santa Luzia e foram recolher os animais em duas fazendas, Anacam e São José (perto da Fazenda São Lourenço), na divisa de Mato Grosso do Sul com Mato Grosso.

Esta foi sem dúvida a viagem mais longa em toda a trajetória de Mirele. Ao todo quatro meses e onze dias, de sol a sol, sem pausa no fim de semana, sem descanso no feriado. “Nesta viagem de 131 dias sofri um pouquinho, a viagem aconteceu no período de seca, tinha dia que saíamos do pouso pela manhã e só parava para jantar, por que não tinha água para fazer refeição e nem mesmo para beber. Teve um dia que nos extraviamos do cozinheiro na hora do almoço, só fomos encontrar ele no outro dia, aí que fomos almoçar”.

No decorrer do caminho, a comitiva chegou a ficar sete dias à frente de Mirele e outros dois peões que ficaram para “arribar” (recuperar) os animais perdidos. O processo é tão organizado que o cozinheiro deixa pelo caminho, pendurado nas árvores os saquinhos de arroz, feijão, carne e farofa para a turma se alimentar. Tanto no almoço quanto para a janta. Uma cena no mínimo curiosa para quem está acostumado com a rotina da cidade.

“Nesta viagem peão abandonou a lida, aconteceu de tudo. Da formação inicial só restaram eu e o condutor, que só não abandonou por vergonha de mim”, relembra Geller. O destino do gado foi a Fazenda Santa Rita da Emboscada no município de Amambai no sul

de Mato Grosso do Sul. Foram transportados 1.137 animais considerados tranquilos, bom de trabalho. Depois que o serviço foi concluído, Mirele continuou viajando.

Embora esta tenha sido uma longa viagem, Mirele também encarou outros trabalhos difíceis na região norte do Pantanal. Ela e os demais companheiros ficaram 97 dias na estrada, sendo 51 dias dentro d'água. Tiveram que atravessar o gado pelos rios Piquiri e Taquari. “A gente ia dormir, quando acordava cedo já tinha que colocar os pés na água”. Para piorar Mirele conta que ficou 24 dias menstruada em plena cheia.

São nestas viagens que exigem a travessia do gado em grandes rios que acontecem os maiores acidentes com os companheiros. Mirele e o pai já perderam amigos de viagem afogados. “Normalmente a mula ou o burro refuga quando já está dentro do rio, o peão enrosca o pé e não consegue se soltar. Difícil dizer, mas a maioria se dizia nadador”, conta a peoa.

No curralão, onde é preciso montar a cimbra, os peões ficam de plantão cuidando para a onça não assustar os animais, e os porcos que vão para comer o sal. Neste trabalho conhecido como ronda viva, Mirele já ficou duas noites seguidas em claro cuidando o gado. Em alguns casos esta se torna uma tarefa mais cansativa do que a própria viagem. Ao longo de sua trajetória na estrada, Mirele já sofreu acidente ao tentar ajudar o companheiro e acabou quebrando um dos braços. Teve traia queimada em caminhão de viagem depois que o fundo do botijão do lampião abriu e incendiou toda bagagem.

Em maio de 2007 participou das gravações do Globo Repórter (da Rede Globo) sobre o trabalho de monitoramento das onças pintadas no Pantanal. Ela foi a única mulher no meio de dez peões que ajudaram na captura da onça Monalisa, monitorada pelo Projeto Gadonça, desenvolvido Instituto Pró-Carnívoros.

Mas em 2009 a vida de Mirele começou a mudar radicalmente. A peoa sofreu uma crise de cólica renal enquanto trabalhava recolhendo o gado na internada numa fazenda no meio do Pantanal. Ela conta que a dor foi tão forte que fazendeiro mandou levá-la de avião à cidade mais próxima, no caso Coxim/MS distante 1 hora e meia da fazenda. “O piloto desceu em Coxim, me levaram ao hospital e me aplicaram uma injeção, por que eu gritava e me retorcia de dor”. Mirele ficou cinco meses em tratamento até ser submetida a cirurgia para a retirada de um dos rins. Ficou 16 dias internada e permaneceu em repouso por mais cinco meses, período que engordou 15 quilos.

Os médicos disseram que ela não poderia mais voltar a trabalhar no campo como peoa, ou seja, não poderia dar continuidade à profissão. Segundo os médicos que atenderam

Mirele, as pedras no rim foram formadas pelo excesso de consumo de carne e do sal utilizado no preparo. Por conta da saúde e das recomendações médicas Mirele foi trabalhar na cidade de Bonito como vendedora, atendente e até moto entregadora até sofrer um acidente de trânsito. Ficou 24 horas desacordada, quebrou os dentes, contraiu dengue e por conta dos antibióticos, o anticoncepcional falhou e ficou grávida do José Bento Geller, atualmente com quatro anos de idade.

Mirele hoje trabalha para um condomínio de casas na cidade de Bonito, ajuda o amigo Pantaleão Flores (dono de comitiva e da Taquari Leilões – empresa Leiloeira que atua em Mato Grosso do Sul promovendo leilões de gado de corte, cavalos e muares) e quando precisa faz pequenas viagens para ajudar na travessia das comitivas que estão de passagem pela região. Quando viaja costuma levar o filho Bento. Em entrevista realizada no dia 01 de agosto de 2015 na cidade de Bonito/MS, Nelson Geller disse que o neto Bento tem todas as características de que vai seguir a mesma profissão de peão de comitiva. No dito popular “a fruta não cai longe do pé. Vai ser um sofredor assim como eu e a mãe dele”, resumiu Nelson. As entrevistas com Mirele Geller aconteceram em julho de 2007, julho e agosto de 2015 e março de 2016.

Considerações Finais

Esta pesquisa registrou o cotidiano dos peões boiadeiros que cruzam rios, fazendas, terras alagadas ou secas do Pantanal, no lombo de muares durante semanas e meses seguidos. Embora rústica a comitiva ainda é o sistema mais eficaz e extremamente necessária para os produtores rurais, sobre tudo no Pantanal, por questões econômicas e de logística. Por conta da escassez de estradas, o difícil acesso às propriedades rurais e dos atoleiros o uso das comitivas, para muitos fazendeiros, é a única alternativa no manejo de centenas de cabeças de gado.

Este artigo trouxe também, como estudo de caso, a história de uma mulher que escolheu como profissão ser peoa de comitiva, seguindo o exemplo do pai. Na lida enfrenta as mesmas dificuldades que os homens, laça boi bravo e não aceita privilégios e regalias pelo fato de ser mulher. Aprendeu a beber para ser aceita no grupo e mostrou que é tão boa na doma dos animais quanto os peões mais velhos e tradicionais. “Deus não me deu riqueza, ouro ou diamante, mas me deu o dom de tocar berrante”, frase escrita num caderno escolar por Mirele e assinada como a Moça Boiadeira, no dia 10 de abril de 2000, aos 14 anos.

O contraste entre cheia e estiagem é vivido intensamente pelos peões. Ao mesmo tempo em que o Pantanal é conhecido como o bioma das águas, ele registra longos períodos de seca que deixam marcas profundas na pele, no desenvolvimento do trabalho e na memória dos peões pantaneiros. Quando há água em abundância a marcha fica mais lenta, pesada e cansativa. E junto vêm as doenças oportunistas próprias de locais com excesso de umidade. O oposto também prejudica o trabalho. Quando o Pantanal está seco, a água é um bem precioso que às vezes só é encontrado em açudes barrentos. Independente da qualidade da água, ela é usada no preparo da comida, para saciar a sede do gado e para o banho dos peões feito ao ar livre.

Os peões pantaneiros que nasceram, cresceram e vivem em função do manejo do gado, têm na tradição oral a principal fonte de conhecimento e dos saberes de uma região típica do Brasil. Os peões conhecem o Pantanal como se tivessem na memória um mapa de toda a planície. Embora seja um trabalho árduo, penoso e desgastante pela exposição direta e diária ao sol e a chuva, são pessoas que tem orgulho da profissão e se consideram livres, pois não têm dia e hora para voltar para a casa e não devem satisfação para outras pessoas, a não ser para o condutor e para o patrão.

Referências

ALHO, C. J. R.; GONÇALVES, H. C. **Biodiversidade do Pantanal**: ecologia e conservação. Campo Grande: UNIDERP, 2005. 144 p.

BANDUCCI JR., A. **A natureza do pantaneiro**: Relações sociais e representação de mundo no “Pantanal da Nhecolândia”. Campo Grande: UFMS, 2007. 224 p.

CAMPOS FILHO, L. V. S. **Tradição e Ruptura**: cultura e ambiente pantaneiros. Cuiabá: Entrelinhas, 2002. 184 p.

CORRÊA, L. R. **Glossário pantaneiro**. Campo Grande, MS: Uniderp, 2001. 72 p.

GALDINO, S. **Cheia no rio Paraguai no pantanal é a maior dos últimos nove anos**. Corumbá: Embrapa Pantanal. 2006. Disponível em: <http://www.cpap.embrapa.br/destaques/cheia3.htm>. Acesso em 13 de jul de 2016.

NOGUEIRA, A. X. **Pantanal, homem e cultura**. Campo Grande, MS: UFMS, 2002. 156 p.